

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 41 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7935283>



A INVENÇÃO DISCURSIVA DA AMAZÔNIA A PARTIR DAS CARTAS DE VIAJANTES EUROPEUS

Elderson Melo de Miranda¹

Resumo

Este ensaio científico tem como tema a reflexão sobre escritos produzidos por colonizadores europeus que adentraram na Amazônia ou fizeram registros sobre estas terras e suas populações, a partir do século XVI. O objetivo do autor é apresentar uma análise crítica acerca das construções de linguagem e discursos que fundaram uma ideia sobre a Amazônia. O estudo é de natureza qualitativa e os procedimentos metodológicos utilizados são estudo documental de alguns relatos produzidos por viajantes europeus durante o século XVI ao século XIX, incluindo revisão bibliográfica. Os resultados apresentados apontam para a criação de mitos fantásticos e lendários, que associam a busca por riquezas à construção de uma realidade amazônica paradisíaca ou diabólica. Tais relatos ignoram a pluralidade de sujeitos e territórios sociais existentes na região, enviesando a percepção dos modos de vida, ações de resistência e formas de negociação dos povos amazônicos. Conclui-se, portanto, que estas concepções representam a Amazônia como um espaço vazio de sujeitos, culturas e saberes, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e preconceitos sobre a região e seus habitantes, agindo sobre a invisibilização de línguas, memórias, culturas, histórias e identidades sociais, silenciando ou eliminando, de maneira violenta, as vivências dos povos amazônicos originários.

Palavras Chave: Amazônia; Cartas de Viajantes; Colonizadores Europeus; Construções Discursivas.

Abstract

This scientific essay has as its theme the reflection on writings produced by European colonizers who entered the Amazon or made records about these lands and their populations, from the 16th century onwards. The author's objective is to present a critical analysis of language constructions and discourses that founded an idea about the Amazon. The study is qualitative in nature and the methodological procedures used are documentary studies of some reports produced by European travelers during the 16th to 19th century, including literature review. The results presented point to the creation of fantastic and legendary myths, which associate the search for riches with the construction of a paradisiacal or diabolical Amazonian reality. Such reports ignore the plurality of subjects and social territories existing in the region, biasing the perception of ways of life, resistance actions, and forms of negotiation of Amazonian peoples. It is concluded, therefore, that these conceptions represent the Amazon as a space devoid of subjects, cultures, and knowledge, contributing to the perpetuation of stereotypes and prejudices about the region and its inhabitants, acting on the invisibility of languages, memories, cultures, histories, and social identities, silencing or violently eliminating the experiences of native Amazonian peoples.

Keywords: Amazon; Travelers' Letters; European Colonizers; Discursive Constructions.

INTRODUÇÃO

O território em que hoje se localiza a Amazônia foi colonizado e registrado até o século XX, em grande parte, por meio do discurso de viajantes que se deslocavam até esse território e, durante suas viagens, criavam relatos acerca de sua geografia e do povo que o ocupava. Esses registros reiteravam o choque que os viajantes europeus sentiam ao se deparar com novas terras e novas formas de organização social. Para tanto, seguiam os modelos de registro de viagens realizados anteriormente por outros europeus, como, por exemplo, o veneziano Marco Polo (1254-1324), que registrou suas aventuras pelo "deslumbrante" Oriente em busca de especiarias ou por Cristóvão Colombo e outros viajantes europeus

¹ Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: elderson.miranda@ufac.br



que navegaram para distantes lugares em busca de mundos desconhecidos e novas formas de enriquecimento (BOXER, 2002).

Sobre o assunto, o geógrafo Adriano Lucena da Silva (2021) afirma que:

os processos geopolíticos do século XV e XVI, caracterizaram-se por grandes conquistas bem como explorações tanto de rotas comerciais como dos produtos naturais, principalmente advindos do novo e recém descoberto continente Americano. Ao que concerne a região amazônica, este processo tem início a partir da importante rota fluvial que conecta a grande bacia hidrográfica do rio Amazonas ao oceano Atlântico, contribuindo assim para legitimar a expansão marítima nesta região (SILVA, 2021, p. 9).

Tais viajantes exploraram as terras amazônicas, navegando pelos rios da região, muitos dos quais ainda não haviam sido explorados. Os relatos dessas viagens refletiam a necessidade de apropriação das riquezas da região e uma visão de superioridade étnica europeia em relação aos povos locais. Como dito, essas produções literárias foram escritas no sentido de tentar entender o lugar, interpretando-o a partir de uma visão exógena europeia, que oscilava entre divagações sobre o ambiente e interpretações de sua população (CARVALHO, 2001, p. 48).

O geógrafo brasileiro Carlos Walter Porto-Gonçalves afirmou que o processo de colonização da Amazônia foi conduzido sob uma perspectiva geopolítica que considerava a região como subordinada tanto aos países aos quais pertencia quanto ao cenário global. Essa abordagem restringiu a compreensão da Amazônia como um todo e impediu uma visão abrangente de seus povos e grupos sociais.

En el caso específico de la Amazonia, ese relegamiento se da por su condición de región periférica dentro de países a su vez periféricos en el sistema-mundo capitalista moderno y colonial. Los bloques históricos de poder amazónicos son, en definitiva, bloques de poder dependientes en el interior de los países que ejercen su soberanía en la región –Brasil, Bolivia, Ecuador, Perú, Colombia, Venezuela y Surinam1 –, todos ellos periféricos en el marco del sistema-mundo. Por lo tanto, la colonialidad del poder y del saber se impone en el análisis, lo que lleva al predominio de una visión de la Amazonia que es más bien una visión sobre, no una visión de, la región y sus pueblos y grupos/clases sociales, sobre todo de sus grupos/clases sociales en situación de subalternización. Y una visión que se presta a ser calificada como eeuurocéntrica –si se me permite el neologismo–, habida cuenta de su lugar de origen, lejos de los países que ejercen formalmente la soberanía sobre la región (GONÇALVES, 2017, p. 150-151).

Os registros discursivos acerca das aventuras de viagens dentro da floresta amazônica foram criados a partir do século XVI e reuniam diferentes olhares sobre a selva e sobre os nativos. Essas práticas discursivas incluíam desde crônicas excentricamente exageradas até relatos concebidos como realistas, que, no entanto, eram totalmente imprecisos e bastante duvidosos:



Todos se encontram numa celebração do mistério, do medo e da necessidade de conhecimento. Segundo Claudio Guillén, o tema é o que ajuda o escritor a encarar-se com a superabundância e profusão do vivido, marcando uma linha entre a experiência e a poesia. A selva é o espaço onde os apelos se confrontam incessantemente e onde o vivido é convidado a se superar para poder ir além. O que seduz, porém, é também o que vai repelir. Cada imaginário se preenche com os limites de sua própria ansiedade. Ao tentar conquistar o desconhecido compreende-se uma oportunidade de domar o seu próprio imaginário (CARVALHO, 2001, p. 49).

Pode-se conceber uma imagem sobre estas narrativas de viagens a partir do clássico livro "Heart of Darkness", do escritor britânico Joseph Conrad (2008). Nessa obra, Marlow é o personagem que apresenta o mundo desconhecido em que todos almejavam se aventurar. Ele seduz os ouvintes com contos misteriosos sobre a selva e seus abismos insondáveis. As selvas africanas, apresentadas por esse dedicado narrador, são como um ser humano que reage ao sentir-se violado, invadido, tratando com grande hostilidade o inimigo que tenta penetrar seu território. Isso ocorre, por exemplo, quando, em determinado trecho da narrativa, Conrad utiliza a imagem de uma rainha africana para dar forma física à floresta (ACHEBE, 2016).

Assim, nas narrativas de Marlow, existem todos os indícios das aventuras que cercavam os viajantes europeus na Amazônia, desde os heróis incondicionais até os habitantes nativos subjugados e, acima de tudo, os mistérios da apropriação de novos lugares em um misto de desventuras, desterro e ambições.

Por isso, é no coração das trevas onde ocorre o encontro inevitável entre o homem europeu, aventureiro em suas viagens para o inferno, e a inutilidade de qualquer esforço de penetrar nos arcabouços dos novos mundos desconhecidos. Esses relatos criaram uma imagem limitada e fantasiosa da Amazônia, moldada por uma imaginação representacional poderosa.

METODOLOGIA

Esse ensaio de caráter qualitativo utiliza como método a revisão bibliográfica e o estudo de escritos de viajantes europeus que adentraram na Amazônia, especialmente do frei dominicano Gaspar de Carvazal (1504 – 1584), do jesuíta Cristobal de Acuña, do cientista francês Charles-Marie de La Condomine (1701-1774), dos naturalistas alemães Johann Baptist Von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Von Martius (1794-1868), dos naturalistas ingleses Alfred Russel Wallace (1823-1913) e Henry Walter Bates (1825-1892) e dos estadunidenses Luiz Agassiz (1807-1873) e Elizabeth Cary Agassiz (1822-1907). O autor busca analisar criticamente as construções discursivas presentes nestes escritos, as quais contribuíram para a invisibilização das línguas, memórias, culturas, histórias e identidades sociais dos povos amazônicos.



No que se refere aos procedimentos de levantamento de dados, o autor se baseia na análise de documentos produzidos no formato de relatos de viajantes europeus que estiveram na Amazônia, do século XVI ao século XIX. Através da leitura crítica destes textos, cruzando com o levantamento realizado em revisão de literatura, o objetivo é identificar as construções discursivas que contribuíram para a invisibilização dos povos amazônicos.

Para a análise de dados da pesquisa, o autor utilizou a análise historiográfica (HOBSBAWM, 1998). Esse tipo de análise se baseia na investigação da produção historiográfica sobre determinado tema ou período histórico, buscando compreender as diferentes interpretações e abordagens utilizadas ao longo do tempo. Segundo o historiador Erick Hobsbawn (1998), a análise historiográfica é fundamental para a compreensão do processo de construção do conhecimento histórico e da formação de conceitos e ideias sobre o passado. Além disso, ela permite identificar as mudanças e continuidades nas narrativas históricas e as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas adotadas pelos historiadores ao longo do tempo. Dessa forma, a análise historiográfica contribui para a reflexão crítica sobre a história e para a ampliação do nosso entendimento sobre o passado.

Cabe ressaltar que, de acordo com as pesquisas bibliométricas realizadas pelo autor na plataforma SciELO Citation Index (Web of Science), sobre o termo Amazônia, foi encontrado um total de 1109 resultados de trabalhos que abordam o tema, na sua maioria voltado para área de ecologia, agronomia e estudos do meio ambiente. Apenas uma quantidade reduzida dessa produção se dedica a estudos mais aprofundados sobre a cultura, população, história e antropologia da região, representando apenas 15,2% do total de artigos publicados. Já os estudos sobre viagens pela Amazônia e a construção imaginária do local são ainda menos frequentes, com apenas 1,7% dos artigos publicados nessa área, totalizando 19 trabalhos, publicados entre os últimos 10 anos. É necessário, portanto, incentivar e fomentar mais pesquisas nessas áreas para um melhor entendimento da região amazônica em suas múltiplas dimensões.

OS MISTÉRIOS DA NATUREZA

Um dos primeiros grupos a explorar os rios e imensidão amazônica foi liderado por Francisco de Orellana (1511 – 1546), nos anos de 1541-2. Sua expedição contou com o frei dominicano Gaspar de Carvazal (1504 – 1584), que ficou conhecido por escrever o primeiro relato discursivo sobre a Amazônia. A motivação principal desses exploradores era a busca por especiarias, especialmente o famoso País da Canela.



Segundo os pesquisadores Rosário e Rosário (2018), Carvajal registrou em suas crônicas, como no livro *Historia General y Natural de las Indias, islas y tierra firme del Mar Océano*, as dificuldades e penúrias da viagem, fundamentando seu registro na descrição da fome, no perigo da selva e no ataque constante dos índios. "Tudo o que eu vou contar d'aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento, como é este que adiante direi." (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 13).

O registro histórico de Carvajal é de grande importância para a compreensão da colonização da Amazônia. As suas crônicas fornecem evidências importantes sobre a resistência dos povos indígenas e a exploração das terras recém-descobertas. Permitem também uma análise crítica sobre as relações de poder entre colonizadores e colonizados, além de evidenciar as tensões e conflitos existentes entre os diferentes grupos envolvidos no processo de colonização.

Cada etapa da viagem foi minuciosamente descrita e todos os acontecimentos foram detalhadamente registrados, independentemente de sua relevância. O relato de Carvajal sobre a expedição na Amazônia é considerado um marco na história da narrativa do encontro entre povos europeus e nativos da região.

Como a narrativa de frei Gaspar de Carvajal vem provar, a revelação da Amazônia foi um verdadeiro impacto para os europeus. Uma verdadeira colisão cultural, racial e social, que, como em toda a América Latina, provocou as mesmas contradições que se repetiram ao longo do caminho da empresa desbravadora. Tanto os espanhóis como os outros europeus não haviam experimentado, além do contato com a tradicionalíssima cultura do Oriente, um conflito de tamanha proporção como o que se operou na Amazônia. E, se nas áreas do litoral atlântico e pacífico esse conflito foi sumariamente esmagado, na Amazônia ele se tornou crônico (SOUZA, 2019, p. 85).

O ponto alto do relato foi a descrição de uma tribo de mulheres guerreiras, que habitavam a região e eram conhecidas por sua força e habilidade nas batalhas. De acordo com Carvajal, Rojas e Acuña (1941), o encontro com essas mulheres ocorreu por impulso dos desbravadores, que desejavam seguir em frente rumo ao desconhecido, mesmo tendo sido avisados sobre os perigos que poderiam encontrar. Ao avistarem as mulheres guerreiras, ficaram impressionados com sua aparência: eram altas, brancas, robustas e lutavam tão bem quanto dez homens.

A descrição detalhada das mulheres guerreiras de Carvajal, com seus longos cabelos trançados e enrolados na cabeça, cobrindo suas partes íntimas e segurando seus arcos e flechas, é um exemplo de como a narrativa dos primeiros exploradores europeus na Amazônia foram influenciados por sua cultura e perspectiva ocidental.



A narrativa feita por Carvajal era, na verdade, a evocação do mito grego das Amazonas. Segundo mitologia grega, as amazonas eram mulheres integrantes de uma nação de guerreiras que teriam formado um reino independente, sob o governo de uma rainha, das quais a primeira teria se chamado Hipólita. Por isso, a narrativa de Carvajal sobre mulheres amazonas foi balizadora do nome do principal rio da região e, por conseguinte, garantiu a nomeação da floresta e de tudo o mais existente no local, aguçando a curiosidade europeia sobre os mistérios que envolviam as florestas e seus nativos.

A narrativa de Carvajal sobre as Amazonas foi inspirada no mito grego das mulheres guerreiras e independentes que formavam uma nação sob o governo de uma rainha, Hipólita (DOWDEN, 2005). Essa narrativa foi fundamental para a nomeação do principal rio da região como Rio Amazonas e, conseqüentemente, para a nomeação da floresta e de tudo o mais existente no local.

Através desse relato, a Amazônia se tornou objeto de curiosidade europeia, inaugurando escritos sobre a região. Os mistérios que envolviam a região apresentados pelo missionário marcou o início de diversos relatos que, por alguns séculos, apresentaram imagens idealizadas da natureza amazônica e um desprezo pelos indígenas.

Em nenhum momento Carvajal esboça qualquer referência a respeito da supremacia cultural do índio na Amazônia. Para o cronista, somente um ponto era comum entre o índio e o branco: a violência com que atacavam ou se defendiam. Por isso, as sociedades indígenas deveriam ser erradicadas e os povos amazônicos destruídos e postos a serviço da empresa colonial (SOUZA, 2019, p. 85).

Outra expedição do mesmo gênero foi feita pelo militar português Pedro Teixeira (1587-1641) no século XVII, quando as colônias portuguesas e espanholas já haviam demarcado através do Tratado de Tordesilhas seus devidos territórios. O cronista responsável por essa expedição provavelmente foi o Frei Alonso de Rojas, que fez um relato mais pragmático da região amazônica, a serviço do objetivo definido pela coroa de demarcar a geografia política do local.

Nessa viagem, estava o jesuíta Cristobal de Acuña, que também fez um relato - mais especificamente, um relato de retorno da expedição - publicado originalmente em 1641 no livro "Novo Descobrimto do Rio das Amazonas". Nesse livro, o jesuíta descreveu fatos mais precisos e apurados sobre a região, delimitando novos espaços de observação sobre o lugar, não mencionados por Carvajal em seu relato.

Com o objetivo de tornar a navegação pelos rios mais fácil e desbravar a região, Acuña planejou criar um registro que permitisse uma viagem mais segura, sem encontrar o desconhecido e as dificuldades já descritas por Carvajal. Em seus relatos, ele tinha uma visão prática que buscava expandir



a influência mercantil espanhola na região. É possível perceber que sua nova empreitada estava intimamente ligada aos objetivos traçados pela coroa espanhola, que buscava assegurar sua dominação na região. Para isso, Acuña estudou minuciosamente a geografia e os recursos naturais da região, a fim de encontrar meios mais eficientes de explorá-la. Suas informações ajudaram a abrir novas rotas comerciais na América do Sul.

Acuña também não se questionava a respeito dos exotismos e das lendas apregoadas por Carvajal, muito menos sobre a existência das mulheres guerreiras amazonas. Ao contrário disso, ele indicava, através de sua estrutura narrativa, que a existência dessa tribo era algo irrevogável e plenamente comprovado através de certo grau de cientificidade. " Os fundamentos que há para assegurar Província de Amazonas neste rio são tantas, e tão fortes, que seria faltar à fé humana o não lhes dar crédito" (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 265).

Nos registros de Carvajal e Acuña, se tem a construção discursiva de uma Amazônia moldada pelo confronto com a natureza selvagem. Com esses relatos, foi inaugurada uma escrita sobre a Amazônia, representando os mistérios que cercavam a região e, por muitos séculos, essa escrita foi marcada por diversas narrativas, com imagens idealizadas da natureza.

As crônicas dos primeiros viajantes são de escrupulosa sobriedade em relação aos sofrimentos dos índios. Por meio desses escritos, instala-se para sempre a incapacidade de reconhecer o índio em sua alteridade. Negaram ao índio o direito de ser índio. Ele, o selvagem, vai pagar um alto preço pela sua participação na Comunhão dos Santos. E, com o sequestro da alteridade do índio, ficou sequestrada também a Amazônia (SOUZA, 2019, p. 86).

As duas narrativas mencionadas construíram uma visão limitada da Amazônia, baseada em estudos e imagens empíricas de crônicas de viagens e alimentada por uma imaginação representacional extremamente poderosa. Os cronistas criaram elementos fantásticos e lendários, sempre associando a ideia de riqueza aos diversos mitos sobre a região.

Diversos outros viajantes também realizaram o mesmo percurso. Essa visão persistiu durante os séculos XVI e XVII, sendo que uma visão mais científica só foi estabelecida no século XVIII. Para melhorar o texto, é necessário deixar as informações mais claras e acrescentar mais informações a partir de livros sobre o assunto.

O VIAJANTE ILUMINISTA

Charles-Marie de La Condomine foi uma das primeiras pessoas a realizar uma viagem com objetivos de realizar investigações de caráter científico na Amazônia. Ele veio para a América do Sul



com o intuito de coletar informações geográficas, realizar estudos botânicos e etnográficos sobre a região. Sua jornada começou no Peru e ele se aventurou pelo rio Amazonas, coletando diversas espécies de plantas presentes na região.

Esse cientista possuía um conhecimento claro das narrativas lendárias criadas por Carvajal e Acuña. Ele havia tido contato com as crônicas desses primeiros viajantes e acreditava inteiramente no mito das Amazonas, achando até mesmo que seria capaz de esclarecer, através da ciência, os elementos que justificam essa lenda.

No decorrer de nossa navegação, interrogáramos por toda parte os indígenas de diversas nações, perguntando-lhes com grande cuidado se tinham algum conhecimento daquelas mulheres belicosas que Orellana pretendia ter encontrado ou combatido, e se era verdade que elas viviam afastadas do comércio dos homens, não os recebendo entre si senão uma vez por ano, como conta o padre Acuña em seu relatório (LA CONDOMINE, 2000, p. 81).

Para La Condomine, interessava pesquisar a fauna e flora local de forma espetacular, para que fosse possível, então, registrar o elo entre a raça e a natureza. Para isso, ele criava histórias sobre o homem amazônico, homem da floresta e homens dos rios, falando também sobre monstros lendários que existiriam nos leitos dos rios. No trecho, a seguir, La condomine relata a presença de uma enorme serpente na região:

Não é de espantar que, em países tão quentes e úmidos quanto estes, se encontrem serpentes de todos os gêneros. [...] A mais rara e particular é uma grande serpente anfíbia de 25 a 30 pés (de 8 a 10m), e de mais de um pé de grossura, ao que dizem, e que os índios *mainas* chamam *yacumama*, ou mãe-d'água, e que vivem ordinariamente nos grandes lagos formados pelo extravasamento das águas para o interior das terras (LA CONDOMINE, 2000, p. 108).

Até o momento, como vimos, as interpretações sobre os índios oscilavam entre o discurso exótico e o deslumbre diante das possibilidades de riqueza. La Condomine, no entanto, faz uma análise mais complexa das relações entre os indígenas, impulsionado pelas perspectivas do Iluminismo. Segundo as novas correntes iluministas, haveria uma divisão natural dos seres em categorias, método de análise das ciências naturais que foi também aplicado à categorização de espécies humanas.

As categorias mais amplamente utilizadas baseavam-se em traços visíveis do homem, tais como cor da pele, conformação do crânio e do rosto, tipo de cabelo e pela autoidentificação dos indivíduos. Esses estudos foram iniciados no século XVIII, mas tiveram maior divulgação em meados do século XIX. Nas classificações feitas pelos estudiosos defensores do conceito de raça, a América não se



encaixava enquanto possibilidade de classificação, uma vez que aqui se encontrava muito aquém de alcançar um nível mínimo de civilização.

Por isso, La Condomine interpreta os povos que encontrava em sua viagem à luz do pensamento científico iluminista, um discurso que se inseria dentro dos conceitos de *civilização*, ou melhor, dentro de uma estrutura própria de reafirmação e renovação do conceito de civilização pelos iluministas.

Em seus relatos, ele descreveu os habitantes da Amazônia como bárbaros e selvagens, com uma cultura primitiva e pouco desenvolvida. Ele considerava que a região era pouco habitada e que as tribos indígenas não possuíam conhecimentos científicos ou tecnológicos relevantes. “O indígena surge para La Condomine como insensível, apático e estúpido que vão até as suas necessidades já que seriam contumazes inimigos do trabalho” (CARVALHO, 2001, p. 54).

A visão de La Condamine era extremamente limitada e preconceituosa, baseada em estereótipos coloniais sobre povos não europeus, refletindo a arrogância e ignorância do colonizador, em que a dominação sobre povos considerados inferiores era justificada pela ideia de superioridade racial e cultural dos europeus.

NARRATIVAS SOBRE OS NATIVOS

Os naturalistas alemães Johann Baptist Von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Von Martius (1794-1868) foram uns dos primeiros a prenunciar forma mais detalhadas de estudo etnográfico na Amazônia. Eles viajaram pelo Brasil entre 1817 e 1820 e registraram não apenas a natureza selvagem da Amazônia, mas também uma antropologia do seu povo. Preocupavam-se em definir características da região e de seus habitantes, procurando entender "um todo unificado" nos processos de investigação científica. A natureza era vista em sua abundância como algo que deveria ser redescoberto e processado em contexto com o povo.

Esses naturalistas descreveram seu encontro com a população da região, mostrando-se bastante desanimados em relação a sua visão de mundo com o modo de vida dos povos indígenas: “[...] a conclusão que se deve tirar é que o índio, em vez de ser despertado e apurado pela civilização da Europa, ao contrário como veneno lento vai desorganizar-se e desaparecer totalmente” (LISBOA, 1997, p. 21).

Eles apresentaram a Amazônia a partir de uma visão de busca de seu potencial econômico e comercial a respeito da riqueza e fortunas da região, encontrando o entrave nos nativos, conforme pode ser observado em trecho de seu relato:



Contei detalhadamente este incidente, porque dá conhecimento acerca da índole e dos costumes do índio, aliás nada favorável. É triste impressão causa ver aliada uma alta inteligência com os mesmos sentimentos baixos e que se entregam os selvagens brasileiros à cobiça repugnante dos recém-vindos (SPIX; MARTIUS, 1976, p. 198).

A visão de Spix e Martius é de que os nativos eram impregnados por toda forma de decadência. A maneira como eles viviam assemelhava-se a de animais desprovidos de ganância e ambição, jogados à própria sorte e vivendo em uma “desastrosa idade selvagem”. Eles registravam narrativas que menosprezavam a forma de vida desses indivíduos por sua falta de disposição a servir como mão-de-obra produtiva industrial.

Os ingleses Alfred Russel Wallace (1939) e Henry Walter Bates (1984) também vieram à Amazônia, onde fizeram seus próprios registros. Eles permaneceram mais tempo na região, garantindo mais extensos relatos e descrições da fauna, flora e costumes da população local. Para esses naturalistas, a natureza infindável da Amazônia era um prato cheio de alterações, oferecendo uma infinidade de riquezas e argumentos atrativos aos europeus em busca de novidades.

Eles consideraram os índios como um elemento a ser utilizado no processo de civilização, prevendo seu desaparecimento natural consequente do progresso e avanço da civilização amazônica. Por isso, a natureza cuidaria sozinha dessa função, com o processo automático de mistura entre brancos e índios. Embora Bates tenha visto os índios muito mais como uma possibilidade de mão-de-obra e não tenha utilizado grandes discursos racistas em suas crônicas, suas narrativas foram amplamente divulgadas por outros viajantes que vieram depois dele (CARVALHO, 2001, p. 65).

Este é o caso do casal Luiz Agassiz e sua mulher Elizabeth Cary Agassiz, enviados em missão pelo governo norte-americano entre os anos de 1865 e 1866. Elizabeth foi a redatora oficial da missão e percebe-se, nos seus escritos, uma comparação entre os valores da “população ativa e enérgica” norte-americana e a decadência visível apresentada nos trópicos brasileiros.

A colonização de países como o Brasil é possível desde que seja feita por pessoas moralmente capazes e superiores. Essas pessoas deveriam estar embasadas nos princípios dados a priori pela moral e civilização ocidental, além de considerar a abertura do comércio como uma das inevitáveis necessidades para o desenvolvimento regional. Utilizava-se a teoria que ficou conhecida como darwinismo social, a qual surge como uma resposta ao que anteriormente se procurava confirmar em termos de raça e questões étnicas. Trata-se da busca por um padrão civilizador e a confirmação de uma supremacia étnica branca, em detrimento de qualquer outra forma de etnia. Com isso, ocorre uma inversão das ideias que acreditavam em uma origem múltipla do homem (poligenismo) para uma crença na sua origem única (monogenismo).



O inglês Herbert Spencer (1820-1903) foi o responsável pela primeira e mais definida formulação do darwinismo social, que foi, durante o século XX, apropriada pelo fascismo e nazismo para legitimar a ideia de seleção natural das elites e a superioridade da raça ariana e da nação alemã.

El evolucionismo sociológico constituye uno de los principales paradigmas, esquemas o «modelos de inteligibilidad» utilizados por las ciencias sociales durante los últimos ciento cincuenta años con vistas a disponer de un «cuadro teórico formal» para interpretar el cambio social. Su primera y más rotunda formulación se debe a Herbert Spencer, quien le dio la forma de darwinismo social.

Para Richard Hofstadter (1944), el darwinismo social tiene todavía peor fama de la que merece porque el fascismo se lo apropió para legitimar su teoría de la «selección natural de las elites» (que no debe confundirse con la teoría de la circulación de las elites, de Vilfredo Pareto). Además, el nazismo —como antes hicieran algunos políticos racistas en Europa y América— lo empleó para legitimar su ideología sobre la superioridad de la raza aria y la nación alemana (ESPINA, 2005, p. 176).

Em seu relato, Elizabeth descreve, da seguinte forma, o seu primeiro momento de saída para reconhecimento da cidade do Rio de Janeiro:

Primeira impressão ao desembarcar no Rio de Janeiro. 24 de abril – Hoje, algumas senhoras e eu fomos a terra, e, depois de termos escolhido residência, demos algumas voltas de carro pela cidade. O que chama desde logo a atenção no Rio de Janeiro é a negligência e a incúria. Que contraste quando se pensa na ordem, no asseio, na regularidade das nossas grandes cidades! Ruas estreitas infalivelmente cortadas, no centro, por uma vala onde se acumulam imundícies de todo gênero; esgotos de nenhuma espécie; um aspecto de descalabro geral, resultante, em parte, sem dúvida, da extrema umidade do clima; uma expressão uniforme de indolência nos transeuntes: eis o bastante para causar uma impressão singular a quem acaba de deixar a nossa população ativa e enérgica (AGASSIZ, 1975, p. 67).

No texto, como visto, Agassiz apresenta um retrato de decadência, falta de limpeza, ordem e saneamento básico, além do clima úmido e da preguiça percebida no Rio de Janeiro, expandido para todo o Brasil. O objetivo não é apenas reconhecer esses problemas, mas também reforçar a ideia previamente estabelecida de superioridade. Nesse momento, o choque é a aparência de quem já se considera naturalmente privilegiado (CARVALHO, 2001).

Durante a viagem que fizeram a Amazônia, o casal fez vários comentários sobre a região e seus habitantes. Eles descreveram os povos indígenas como "selvagens" e "primitivos", sem levar em conta sua rica cultura e conhecimento ancestral. O indígena aparece, nessa construção, como a principal causa de decadência de toda espécie.

Além disso, a região é caracterizada por um conglomerado étnico difuso e confuso, que está abandonado à sua própria sorte e tende a um colapso inevitável. Elizabeth afirma que a mistura e o surgimento de tipos como o caboclo, mamelucos e cafuzos criam uma confusão impossível de



desembaraçar. É perceptível, na narrativa de Elizabeth, a necessidade constante de moldar o outro aos valores eurocêntricos.

CONCLUSÃO

Assim, a Amazônia foi sendo inventada até desde o século XVI, em grande parte devido ao discurso de viajantes. As visões sobre ela se equilibravam entre a necessidade de apropriação das riquezas que possuía, ou que se imaginavam possuir, e uma visão étnica e vertical do povo que a habitava.

Temas como a natureza, a ideia de mulheres exóticas, riqueza e monstros devoradores, sobrepujados por um ideal de lugar a ser desvendado, permaneceram em muitos relatos que se faziam sobre a Amazônia. Os primeiros registros a respeito da Amazônia foram primordiais para a formação dos primeiros conceitos sobre a região. As imagens sobre essa região, posteriormente, utilizam, direta ou indiretamente, os princípios desses relatos. A crônica de Carvajal, que apresentou diversas características do local, serviu como modelo para isso. O frei narra aventuras, perigos, batalhas e mortes em seu discurso, tendo desbravado um território até então desconhecido.

As narrativas que inauguram a visão da Amazônia, como a de Carvajal, por exemplo, passam a ser utilizadas sucessivamente como fundamento de outras explicações sobre todos os aspetos que deliciam ou apavoram na natureza variada desse mundo fora dos padrões do mundo conhecido e delimitado por tradições religiosas (SILVA, 1998, p. 60).

Toda essa estrutura imaginária prevaleceu até o final do século XIX e início do século XX, quando ocorreu o chamado *boom* da borracha. Nessa ocasião, os valores territoriais e os significados da região mudariam, uma vez que a região entra no cenário internacional como produtora de borracha.

Com isso, ao longo dos séculos, a linguagem foi inventando discursivos, narrativas, identidades e, sobretudo, julgamento do lugar e de seu povo, descrevendo o que seria a Amazônia. Através das imagens inaugurais, constrói-se a consciência de uma realidade amazônica paradisíaca ou diabólica. Essas imagens criadas a respeito do espaço e seu povo contribuíram para constituição de uma imaginários coletivos sobre uma Amazônia exótica ou atroz que perduram, em muito sentido, no imaginário brasileiro e internacional. Tais conteúdo discursivos, construídos historicamente, sintetizam visões e discursos ideológicos colonizadores cuja permanência se mantem no imaginário coletivo sobre o local.



Esse conjunto de narrativas, catalogações e análises objetivas produziu identidades e fronteiras "amazônicas" e "não-amazônicas", criando a ideia de um lugar único que é utilizado como referência para referenciar uma diversidade de experiências e sujeitos que habitam o local.

Tal conjunto de narrativas, amplamente difundido, repetido e cristalizado produziu subjetividades, apagando ou eliminado violentamente as línguas, memórias, culturas e histórias outras, no processo histórico em que foi instituindo a "região amazônica" – entre os séculos XVI e o XIX –, inventando e catalogando seus povos, rios, fauna e flora, fabricando identidades e fronteiras "amazônicas" e "não-amazônicas", fabricando e introjetando narrativas de diferentes sujeitos (pessoas físicas e jurídicas) que partem da ideia ou da palavra/conceito Amazônia como um todo homogêneo, referência de lugar, identidade, vivência ou existência de incontáveis seres humanos e não-humanos, naturais e não naturais. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 78)

Nessa perspectiva, o território e os seus habitantes foram descritos sobre a ótica algumas vezes poéticas outras vezes desastrosamente empírica (CARVALHO, 2001, p. 76). E no meio dessa selva, entre mulheres guerreiras ou fortes pré-conceitos étnico-raciais, os colonizadores criaram discursos e narrativas nas quais sobre julgavam e demonstravam-se como os *mais fortes* e *mais capazes*, onde a palavra se mostrou uma arma poderosa para colonização do local.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, C. "An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'". **The Massachusetts Review**, vol. 57, n 1, 2016.
- AGASSIZ, L. E. C. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1975.
- ALBUQUERQUE, G. R. (org.). **Uwakürü**: dicionário analítico. Rio Branco: Editora Nepan, 2016.
- BATES, H. W. **El Naturalista por el Amazonas**. Barcelona: Editora Laertes, 1984.
- BOXER, C. R. **O império marítimo português: 1415-1825**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.
- CARVAJAL, G.; ROJAS, A.; ACUNÃ, C. **Descobrimientos do Rio das Amazonas**. Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.
- CARVALHO, J. C. **Amazônia revisitada**: de Carvajal a Márcio Souza (Tese de Doutorado em Letras). São José do Rio Preto: UNESP, 2001.
- CONRAD, J. **Heart of Darkness**. Washington: Bloom's Modern Critical, 2008.
- DOWDEN, K. **The uses of greek mythology**. London: The Taylor and Francis e-Library, 2005.
- ESPINA, A. "El darwinismo social: de Spencer a Bagehot". **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 110, 2005.



GONÇALVES, C. W. P. “Amazonia, Amazonas: Tensiones territoriales actuales”. **Revista Nueva Sociedad**, n. 272, 2017.

HOBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.

LA CONDAMINE, C M. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000.

LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

ROSÁRIO, J. P. S.; ROSÁRIO, S. A. S. “A cronística de Gaspar de Carvajal e a colonização da Amazônia”. **Nova Revista Amazônica**, vol. 6, 2018.

SILVA, A. L. “Revisitando a ‘geopolítica e geohistória militar: da Amazônia a Roraima’”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 18, 2021.

SILVA, L. M. R. **Acre: Prosa e Poesia (1900-1990)**. Rio Branco: Editora da UFAC, 1998.

SOUZA, M. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

SPIX, J. B.; MARTIUS, K. F. P. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1976.

WALLACE, A. R. **Viagens pelo Amazonas e rio Negro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 41 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima